



Madalena Mendes
Soito da Ruiva

Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Liliana Monteiro

Ana Cristina Pereira

Transcrição

Liliana Monteiro

Edição da História de Vida

Liliana Monteiro

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-11-2

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Madalena Mendes

Madalena dos Anjos Mendes nasceu em Soito da Ruiva no dia 9 de Julho de 1927. Contra a sua vontade andou apenas um mês na escola, da qual agora sente falta. Casou com Guilherme Bento, tinha apenas 19 anos. Como não tinha idade, teve que pedir ao pai a autorização e o rublo. O seu marido, também menor na altura, por não ter família teve que juntar o Conselho de Família. Do dia em que foi tratar do casamento recorda com saudade o passeio de carrossel. Apesar das dificuldades económicas o seu pai fez-lhe uma festa de casamento. Desta união teve quatro filhos, dois dos quais já faleceram. Actualmente, viúva, vive sozinha. Passa os dias junto dos sobrinhos enquanto eles trabalham nas "amassaduras", como diz, ou num terreno por trás de sua casa onde assiste pacientemente o passar do dia.

Conteúdo

Identificação <i>Madalena dos Anjos Mendes</i>	5
Ascendência <i>José Francisco e Maria dos Anjos</i>	5
Infância “ <i>Ainda provei do tempo deles</i> ”	6
“ <i>Só o pão, não corre</i> ”	6
Educação	8
“ <i>A falta que me faz</i> ”	8
<i>Bucha de bacalhau</i>	9
“ <i>Nem no lápis sabia pegar</i> ”	11
Religião “ <i>Tirei a doutrina de um catecismo</i> ”	12
“ <i>Media o que sabia</i> ”	12
Lazer “ <i>Eu não receio a um par</i> ”	13
Namoro “ <i>Uma rapariga, por gostar, não pode dar nas vistas</i> ”	14
Casamento “ <i>Gastem-se os anéis e fiquem os dedos</i> ”	15
“ <i>A roda dos cavalinhos</i> ”	15
“ <i>Quanto ganham é quanto estoiram</i> ”	17
<i>A roupa numa cesta</i>	17
<i>A festa</i>	18
Migração “ <i>Teve que ir ganhar alguma coisa</i> ”	18
“ <i>A patroa</i> ”	18
Casa “ <i>Ao cabo do povo</i> ”	19
Quotidiano <i>Vida difícil</i>	20
“ <i>Comia muita vez urtigas</i> ”	20
<i>A amanhar a terra</i>	22
“ <i>Não tinha onde o moer</i> ”	22
<i>Um moinho de azeite</i>	23
“ <i>Ardeu tudo</i> ”	23
“ <i>Chamavam o médico da Benfeita</i> ”	24
“ <i>Que doença seria esta?</i> ”	24
Costumes <i>Entre lendas e tradições</i>	26
<i>Carolo</i>	26
“ <i>Eram bons os dias da matança</i> ”	27
“ <i>Sem ir a mestra o cortiço também não valia nada</i> ”	28
“ <i>Fiz queijo como os meus pais</i> ”	29
<i>Estrutagado ou torcido</i>	30
“ <i>Um condão que tinham</i> ”	30
<i>João Brandão</i>	30

Lugar “ <i>Carregos às costas</i> ”	31
Avaliação	31



Fotografia 1: Madalena Mendes. Soito da Ruiva, Março de 2007.

Identificação *Madalena dos Anjos Mendes*

O meu nome completo é Madalena dos Anjos Mendes. Nasci no Soito da Ruiva, cá na terra, no dia 9 de Julho de 1927.

Ascendência *José Francisco e Maria dos Anjos*

O meu pai chamava-se José Francisco Mendes e a minha mãe Maria Rita dos Anjos. Eram ambos de Soito da Ruiva. O trabalho do meu pai era a fazer amassaduras como as das obras. E a minha mãe era a cavar



Fotografia 2: Madalena Mendes, (2^a esq. p/ dir.) com os seus familiares. Soito da Ruiva.

terra, uns bocaditos, para modo de nós comermos. Tinha dois irmãos. Um que se chamava Zé Mendes e o Manuel Mendes, o mais novo.

Infância “*Ainda provei do tempo deles*”

Quando era pequena morava aqui em baixo junto ao largo da aldeia. Aí é que eu morei, mas a gente naquele tempo passou muito mal.

“*Só o pão, não corre*”

Os meus pais faziam queijos para vender. Mas nós não os podíamos comer. Recordo-me que só nos davam o pão. Os meus pais tinham os queijos na queijeira e eu costumava dizer:

- Só o pão, não corre!

Um dia juntei-me com um irmão meu e metemo-nos no sítio, lá em cima, onde curavam os queijos. Fôramos lá e vimos que tinham muitas tábuas com queijos. Tinha o gado e iam buscar o leite aí pelas ladeiras. E eu disse assim para o meu irmão:

- Ora, eles fazem-nos ir botar as ovelhas para tal sítio, então mas nós comermos só o pão não corre. Vamos aos queijos!?

Ao fim, a minha mãe entrou numa porta. E eu e o meu irmão, que já estávamos combinados, fomos lá e tirámos o queijo maior que lá havia. Mas ficaram os outros todos para modo da minha mãe não dar pela falta dele. Mas quando sentíramos a minha mãe, ai Jesus! Fomos pelo buraco abaixo e não sabíamos onde havíamos de nos meter. Eu tinha um aventalzinho, onde pus o queijo por modo de o levarmos para um sítio onde eles não estivessem. Mas quando senti a minha mãe pela porta adentro. Atirei o queijo para trás de uma arca e disse para o meu irmão:

- Fica aí, porque pode vir algum gato por ali e apanhar-nos o queijo e, ao fim, ficamos sem ele.

E ele ali ficou. Assim que apanháramos a minha mãe em descuido outra vez, tornámos a meter o queijo dentro de um cestito que levávamos e fomos botar as ovelhas, por modo de eles não ralharem com a gente. Lá fomos os dois, botámos as ovelhas lá para um bocado de erva e comemos o queijo. Comêramos e comêramos o queijo! E eu disse assim:

- Agora nós ainda ficámos com queijo para amanhã, mas nós não podemos levar para casa. Então, eles não os comem! E se se escangalha algum, ainda vai com uma fita em pano ou cardo para venderem-no. E a gente tem que comer só a broa, então a gente não podemos abalar para casa.

Comêramos e atirámos com o resto do queijo, porque não podíamos levar para casa. Senão ainda nos carregavam de porrada por termos ido aos queijos que tinham para vender para trazer um dinheirito.

Éramos ainda miúdos. Mais tarde, contámos ao meu pai que fomos a tal sítio tirar-lhe o queijo:

- Então, você vendia-os todos para trazer o dinheiro e nós a comer só o pão seco... Não corria só o pão seco.

E ele ao fim já dizia:

- "Se vós o dissésseis na altura, mas não, ficaram bem calados."

Sabe Deus, como fiquei quando ouvi a minha mãe a abrir a porta e eu a esconder-me pela escada abaixo por modo de não dar por falta do queijo.

Era um tempo em que vendiam até o que haviam de comer para modo de trazerem um dinheirinho e pagarem, às vezes, quando queriam comprar uma sardinha que vinham aí vender às pessoas da aldeia.

Os queijos iam-nos vender numa aldeia que fica por detrás de Soito da Ruiva, a gente chama agora a aldeia de São Jorge, mas que noutro tempo chamavam Cebola. Íamos lá vender os queijos. Recordo-me que quando alguns ainda se escangalhavam, os meus pais, coitados, punham uma fita de roda, por modo de ainda poder vendê-lo e trazer o dinheirito. Os meus pais faziam-nos ir com eles a pé, descalços! Tinha de ir descalça para lá e eles diziam-me:

- "Trouwéramos tanto, mas já temos a boca aberta para onde ele vá!?"

Eu dizia assim:

- Comam para baixo que já não posso ir lá para tal sítio, quanto mais ir para tão longe.

Mas eu ia para ajudá-los, que remédio tinha eu, se faziam-me ir.

Ainda era um tempo apertado, coitados. Se eu sofri, julgo que os meus pais ainda haviam sofrer mais. Mas não me lembro, ao fim ainda apanhei alguma coisinha. Também ainda provei do tempo deles.

Educação

“A falta que me faz”

Andei na escola, mas não cheguei a um mês a estar lá. Se a outra rapariga tivesse continuado lá, o meu pai deixava-me lá andar. Mas ela tinha 10 anos e como não sabia nada, já lá não ficou. Veio com a mãe e não ficou matriculada. Mas ele apanhou-me nos 7 anos, aí os meus pais até choravam. Eu fazia falta por modo de andar com as cabras pelas serras. E, para mim, foi mau porque podia saber alguma coisa e assim não aprendi nada.

As cartas para o meu marido ainda as fazia, mas fazia-lhe o nome porque se fosse preciso tudo em letra, contas ou fosse o que fosse, era tudo em letras, e eu per-

cebia. Em contas, ainda cheguei a andar na prova dos nove, que chamam as quatro operações, e não fui capaz. Quando tinha 7, 8 ou 9 anos tinha até vício já naquilo mas não tive quem me puxasse e fiquei-me assim. Hoje é que eu acho a falta.

Fazem falta a toda a gente as contas. Eu sei a falta que me faz. A gente quando vai para comprar até um pãozinho é preciso lidar com o dinheiro, porque senão não mo dão para a gente comer. É preciso a gente dar o dinheiro. É preciso saber. Vai-se comprar uma sardinha, um bocado de peixe, é preciso dinheiro e a gente precisa de saber por modo de saber o que há-de levar. E isso é que me fez muita falta. Na altura como sabia, ainda tive uma explicação ao princípio, mas os meus pais não me puxaram e eu tinha pena até! Lembrava-me assim, antes queria que não me deixassem nada, só que me deixassem com a sabedoria de saber somar uma conta.

E quando eu estava no melhor tiraram-me da escola. Ainda tenho pena disso. Mas as minhas irmãs, ainda sofreram mais do que eu. Essas nem o nome, porque não entraram na escola. Mas eu entrei lá ainda e passei esse sacrifício. Ia para lá só com o pãozinho. Ainda tinha lá colegas boas.

Bucha de bacalhau

Uma vez, os meus pais puseram-me na bucha uma posta de bacalhau. Calhou lá um ano ou outro comprarem um bocado de bacalhau e depois puseram-me num saquito para levar para comer na escola. E na escola havia uns cabides em volta na sala de entrada, onde a gente botava a bucha. Eu não chegava ao cabide, tanta vez botei o saco com o braço e ele não ficava pendurado, então pousei-o no chão. Saí da escola, do quadro para fora, e fui comer. Ai o saco, que é dele? Ou que a senhora me castigasse, me apanhasse o saco, mas eu era pequena, ou até a porta estava aberta e fosse algum cão e cheirasse aquilo e me levasse o saco pela porta fora, nunca mais vi o saco da bucha. Quando cheguei para comer, estava tudo a comer o que tinha nos cabides, e eu disse assim:

- Então, a minha bucha não está cá.

Mas ainda tive uma rapariga lá no Sobral, que era de Lisboa, uma rapariga já alta a fazer os estudos que viu como eu fiquei e disse:

- "Anda comigo que eu dou-te a bucha."

Nunca me esqueceu. Era assim miúda, mas disse:

- Por todo o lado há gente boa.

Aquela miúda, que já não era miúda, disse:

- "Anda, vens comigo que do meu prato comes tu. Comes ao pé de mim."

E eu disse:

- Olha, obrigada. Fico-te mesmo agradecida, mas agora também em breve me lá ponho em casa.

Tinha vergonha de ir com ela e dar despesa à rapariga. E disse assim:

- Olha eu agora também em breve me lá ponho na minha terra.

Mas eu sem nada de comer haveria de me por em Soito da Ruiva depressa? A bem dizer, é da barriga que a gente caminha e vem a força. E eu ficava para trás. Fiquei agradecida à rapariga que se ofereceu para comer ao pé dela, do prato dela.

- "Quando chegares à tua terra já vai ser tarde, então vais comigo."

E disse:

- Não, não vou.

Foi logo naquele dia em que levei a bucha assim melhor, que os meus pais lá me puseram, e aconteceu-me aquilo. Nos outros dias, era só o pão seco.

O meu pai para me tirar da escola, coitado, até deixava de comer. Tinha aí, às vezes, umas galinhas, deixou de comer os ovos por modo de dar à senhora professora, porque ela falava em multas:

- "Você não a deixa ir. Vai ser avisado por modo de pagar uma multa."

Eles com medo deixavam de comer, depois lá iam levar qualquer coisa e a senhora assim lá abafava aquilo. Ao fim, eu é que perdi. Nem a senhora, nem os meus pais perderam. Quem perdeu fui eu, que fiquei sem a

sabedoria. Ele tirou-me da escola. Podia saber alguma coisa e assim fiquei sem nada.

Os meus irmãos não andaram na escola. Ao fim, a senhora parece que saiu de lá e não tínhamos escola mais perto. Mas ainda apanhei lá. Foi a minha sorte, senão nem nada sabia. É assim, uma conta que seja preciso somá-la não sou capaz. Juntar não junto, mas para comprar um pão ou um bocado de peixe ou uma sardinha, para isso não me queixo, porque ainda engano os que cá vêm vender. Mas podia saber! Só tenho pena disso. Hoje já não tenho pena, porque já estou velha, já me governo com a sabedoria que tenho. Mas podia ser alguma coisinha e assim nunca cheguei lá.

A escola era no Sobral Magro e a senhora que lá estava era boa.

“Nem no lápis sabia pegar”

Uma vez o meu pai fez os meus trabalhos de casa e a senhora professora castigou-me. Ela até tinha razão, então o meu pai havia de me deixar fazer os trabalhos nem que fosse mal. A senhora afinal é que me ensinava. Mas ele fazia-me as letras e ela via que estavam bem feitas e que não era eu que as fazia. Com certeza, se era ele que as fazia. E ao fim cheguei a casa e queixei-me:

- Ó pai, então o que você fez? E você não me havia de fazer assim. Então, a senhora mandou-me ir ao quadro e eu nem no lápis sabia pegar. Ainda levei porrada na cabeça, porque foi o castigo que ela me deu. E você escusava bem isso. O que você tinha a fazer, se sabia alguma coisa, era pegar no meu lápis e ajudar-me para na escola saber fazer. Não era assim que se fazia.

O meu pai não dava valor àquilo, dava valor era às cabras. Ele queria era que a professora me tirasse da escola. Eram sete rapazes na escola, nenhum me fez mal, não tenho nada a dizer dos rapazes. Ele é que embirrou que eu vinha sozinha com eles:

- "Tem alguma jeira a rapariga andar aí sozinha com os rapazes? A senhora tem de ver se ma tira da escola

para fora."

E então, a professora disse:

- "Não posso tirá-la daqui. Está dentro da idade. O que posso fazer é ela vir meia hora à dianteira e sair também meia hora de dianteira, que assim ela já se não junta com os rapazes."

E ele teve que a roer. A senhora mandava mais do que ele. Mesmo assim ainda devo obrigação à senhora, quando ela lá me dava umas "canabaras". Ainda lhe devo obrigação porque sempre me abriu os olhos. E se fosse na escola da terra, então é que ficava com eles fechados!

Religião “Tirei a doutrina de um catecismo”

Nunca andei na catequese. Havia raparigas cá que foram à catequese, mas eu era abaixo delas, então não fui.

“Media o que sabia”

Fui às confissões e estava lá uma senhora, diziam que até era sobrinha do padre. Eu não fui lá andar na catequese, mas tirei a doutrina de um catecismo que me meteram nas mãos. E desse catecismo media o que sabia diante da sobrinha do senhor padre que lá estava. Naquele tempo não me confessava sem fazer aquilo e ela disse-me logo:

- "Tu tiraste a doutrina do catecismo, porque estás a dizer a doutrina de cabeça como está no catecismo".

Passou-me, mas foram outras atrás de mim, já não sabiam nada e já não levaram a do catecismo. E eu safei-me. Safei-me foi por saber. Naquele tempo eu lia bem o catecismo até sem os óculos e essa catequista era quem fazia as passagens de quem sabia ou não a doutrina. Ela disse-me logo:

- "Tu sabes, tiraste a doutrina do catecismo."

E eu disse:

- Pois tirei.

Ninguém me ensinou foi conforme tirei do catecismo. Só me fizeram falta na minha vida as contas.

Lazer “*Eu não receio a um par*”

Eu não faltava aos bailaricos. Tinha mais alegria do que hoje. Nesses dias de festa juntavam-se e mandavam vir o padre e a missa. A missa diziam-na e quem quisesse dar alguma coisinha para a ajuda dos santos dava e rendia dinheiro. E no fim do jantar iam fazer o baile neste outeiro. Ai, eu comia à pressa por modo de ir à mocidade. Mas por causa da roupa, eu dizia assim:

- Vocês se não me compram uma roupa nova, eu lavo esta e vou à mesma. E olhe que eu não receio a um par. Não me falta lá par, mesmo com a roupa velha.

E ia à mesma. As minhas irmãs, que eram já da segunda mulher que o meu pai teve, essas foram boas para mim. Ainda hoje tenho pena delas, porque havia irmãos legítimos que não eram tão amigos como nós éramos. Elas diziam assim:

- "Ó pai, você tem que lhe comprar roupa nova. Sabe que andam a dançar nos bailes e a roupa de baixo vê-se muito e parece mal."

Foi assim que me compraram uma combinação, com o feitio ainda de gomados. Passado um ano, a combinação era curta e tiravam-lhe um gomo, ou outro ano já está mais curta tornavam-lhe a tirar outro. E as minhas irmãs diziam assim:

- "Ó pai, você não a segura dos bailes. Parece mal, então as demais andam de roupa nova, com roupa lavada e você não a segura. Ela já diz que não se importa."

As demais raparigas naquele tempo todas tinham um xaile. A moda era um xaile de merino e um lenço chinês, que ainda hoje há-de haver quem use. Nada disso usei, mas olhe que não fiquei por casar. Mesmo assim com o lenço, umas vezes não o levava que já era muito velho. Penteava-me e lavava-me. Aparecia e chegava ao pé delas toda fresca e arranjava logo par. Mesmo com a roupa usada, não me faltava lá par. E às demais, às vezes, com roupa nova ficavam a olhar. Mas era tudo contra os meus pais. E elas diziam assim:

- "Você tem que lhe comprar alguma coisa, porque você sabe que não a segura dos bailes. Então, ela vê lá

andarem as demais e é uma vergonha para você."

Elas foram muito boazinhas para mim e diziam-me:

- "Deixa estar que hei-de ver se lhe tiro o dinheiro. As demais já têm uns lenços chineses e tu não tens. Eu vou à feira de Avô e se ele me der o dinheiro deixa estar que eu nem lhe trago o dinheiro, hei-de gastá-lo num lenço para ti."

Uma combinação, a mesma coisa. Tive aqui uma irmã, que morava aqui logo pegada a mim, essa dizia assim:

- "Se não lhe dá o dinheiro da combinação, deixa estar que há-de vir uma combinação boa. O pior é para lho tirar, ele não dá. Se ele me der hei-de trazer coisa boa."

No fim, ela comprou-me uma combinação que se podia ver, tanto que foi a do meu casamento e não comprei melhor. Há gente que não se dá bem com as irmãs, mas para mim foram boas.

Às vezes, levava uns chinelos calçados para o baile. Quando sabia que havia baile, às vezes, aos domingos, lavava os chinelos e, às vezes, ficava à rasca por modo de os enxugar e poder levá-los. Com as saias fazia o mesmo. Suja nunca para lá fui. Também tinha vergonha, mas com a roupa lavada fui muita vez, quando as demais iam com roupas boas. Não tinha quem mas comprasse, mas ia mesmo assim.

Namoro “*Uma rapariga, por gostar, não pode dar nas vistas*”

Conheci o meu marido aqui em Soito da Ruiva, éramos vizinhos. A gente, às vezes, até andava com as coisas em segredo. Ninguém sabia.

A família dele tinha umas fazenditas pegadas com as minhas. E eu ia com os rapazes até aí para os matos. Sabia que ele gostava de mim e eu também não desgostava dele. Mas a gente, quer-se dizer? Uma rapariga, por gostar, não pode dar nas vistas, porque ele é que tem de chegar-se a ela. Não é a rapariga a chegar-se a ele. Hoje já usam chegar assim, até por cartas. Mas nós não. Andámos dois anos, se calhar, que ninguém cá sabia. E ele

foi ter com o meu pai e disse-lhe então:

- "Posso escrever à sua filha? Posso ficar a escrever-lhe?"

O meu pai disse logo:

- "Não senhor, tu não escreves para ela. Se quiseres escrever é para mim. E se não quiseres, para ela não te autorizo a escrever."

E assim foi. Ele teve que escrever durante um ano para o meu pai. Para mim não, não foi autorizado. Ele tinha vontade de escrever para mim, mas o meu pai não deu autorização. Ele devia ter tido medo do meu pai. Mas mesmo assim escreveu e assim aproveitou.

Casamento “*Gastem-se os anéis e fiquem os dedos*”

Depois de andar a escrever um ano, chegou a dizer para o meu pai, mais conhecido por tio Zé:

- "Tio Zé, com respeito ao que faláramos, então você não me dá uma solução do que faláramos?"

E ele disse-lhe então:

- "Então, quando quiseres tratar do casamento, vens tratar."

E ele então veio, mas andou mais de um ano que cá ninguém sabia de nada. Porque o meu pai dizia:

- "Eu tive filhas que me deram desgostos, nas vésperas do casamento, iam escangalhar as coisas. Olhe, que se torna chato e esta foi a filha que nunca deu um desgosto a esse respeito."

“*A roda dos cavalinhos*”

Para me casar, ainda foi preciso o meu pai me dar a idade e o rublo. Para isso, foi preciso ir a Arganil. E ele foi lá com a minha mãe e já tínhamos quase tudo pronto. Era em Pomares que se mandava vir as papeladas da freguesia que ainda faltavam vir. A ele faltava-lhe ainda quatro meses. Ele não tinha pai, nem mãe, nem avô, nem avó, então teve que levar o Conselho de Família a Arganil. E eu disse para o senhor que estava na Junta de Pomares:

- Ora, não vale a pena lá dar muito trabalho. Para pagar o rublo vai o meu pai e a minha mãe. Mas ele não tem pai, nem mãe, nem avô, nem avó, tem que levar Conselho de Família. E então, já só faltam quatro meses e é melhor esperar.

Como agradecimento, até fôramos comprar-lhe uma roupazita ao rapaz que havia numa venda, para se governar também. Recordo-me que ele disse:

- "Não, não façam isso. Durante esses quatro meses ainda pode haver um desvio de vós esgalhares e cada um ir para seu canto. E então é melhor, tendes tudo pronto e ides a Arganil."

Ao fim, o meu marido disse:

- "Então, gastem-se os anéis e fiquem os dedos. Levamo-lo lá."

Ele não queria esperar e disse:

- "Não, nós não vamos esperar. Hei-de ver se arranjo os homens para lá irem comigo."

Arranjou cinco homens. Fôramos daqui a pé, naquele tempo, para Arganil. Quando lá chegámos, andava lá um carrossel e ele disse-me assim:

- "Queres ir andar no carrossel? Vamos lá também."

E eu disse assim:

- Vamos então, isto é para estourar.

Quando viu a roda dos cavalinhos, quis logo andar. A gente estava num tempo em que a cabeça não se importa. Naquela altura era tudo para diante. E ainda estive uns segundos para me agarrar à roda dos cavalinhos. Nuns lados aquilo descia e noutros lados parece que se subia. Nunca tinha andado naquilo. Fui e gostei. Já nessa ocasião me agarrei a ele. Então, já tínhamos tudo pronto. Eu disse assim:

- Ai, se tu caíres também caio.

Agarrei-me a ele, mas a minha mãe não gostou. Não queria que a gente gastasse o dinheiro. Ela não gostou. Eu vi. Mas teve que ser. Depois a gente queria comer e não havia dinheiro. E a gente tem o costume de dizer:

- "Namorei mulher bonita, não me importa da fazenda, hoje quero comer e a bonita não me lembra."

Naquele tempo era uma pura verdade. A gente quando está assim coisa, pensa que não é preciso nada. O que quer é arranjar um rapaz e o rapaz arranjar uma rapariga. Mas a gente ao fim precisa de comer.

“Quanto ganham é quanto estoiram”

Outra vez também cá mandei vir um retratista, o meu marido andava em Lisboa, e eu preparei-me e fui mandar tirar o retrato. Ele mandou-me dizer de Lisboa que queria lá um retrato dos miúdos, que não podia cá vir mas que gostava de lá ter o retrato. O retratista veio cá, eu aprontei-me, aprontei os miúdos e fui tirar o retrato com eles. A minha mãe estava lá a ver-me e só dizia:

- "Ai, vocês não olham a segurar dinheiro nenhum. Vocês quanto ganham é quanto estoiram."

E eu dizia assim:

- O que é que eu hei-de fazer, então ele quer lá os retratos dos filhos. E hoje o homem aproveitou e veio cá, quer ganhar algum.

Ainda foi o tempo melhor que eu passei. Em ele faltando, então é que a gente bota o braço ao pescoço. Então, é que não há nada.

A roupa numa cesta

A roupa do casamento mandei fazer. Não havia costureiras em Soito da Ruiva. Lembro-me que ainda fui buscar a roupa a Pomares. A senhora que me fez a roupa veio trazê-la a pé, que naquele tempo não havia carros. Hoje já daqui vão alguns carros, mas naquele tempo não tinha cá nenhum. Eu fui esperá-la ao caminho e ela trazia a roupa numa cesta já feita. A cesta era dela e a gente já tinha a roupa paga. Ao fim, mudáramos da cesta dela para uma que levei e trouxe-a. Meti a roupa cá em casa e no dia do casamento é que apareceu.

Naquele tempo usava-se muito uma blusinha branca, em seda branca. Uma saia e um xaile, que a gente chamava, xaile de merino. Tudo em preto. Mas naquele tempo a rapariga que não levasse um xaile preto já não

era rapariga. Hoje já não usam, mas naquele tempo era a moda assim!

Ainda foi o meu pai que emprestou o dinheirinho, mesmo ao meu marido, que ele não o tinha. Tinha-lhe morrido o pai há pouco tempo e já tinham vendido alguma coisita que tinham, mas ainda assim não tinha dinheiro. E o meu pai do que tinha, por modo de fazer o casamento, é que lhe emprestou ainda alguma coisa.

A festa

O meu pai fez-me uma festa de casamento. Matáramos uma rês e convidáramos as famílias mais chegadas e assim fizéramos o casamento. Tínhamos arroz doce e tigeladas e bolos, pães leves. Já era um casamento. Fez-se um pouco de tudo, mas pouco porque não tinham dinheiro para fazer.

Migração “Teve que ir ganhar alguma coisa”

Depois de casar, o meu marido ainda cá ficou, mas depois faltaram-nos as coisas e ele teve que ir para Lisboa. A gente queria comer e não o tinha. E teve que ir ganhar alguma coisa.

Em Lisboa, trabalhou lá nos caminhos-de-ferro. Ao fim acabou, fechou, e teve que arranjar trabalho noutro lado. Foi quando arranjou para o peixe, para a Ribeira. Mas ainda passei muito mal.

“A patroa”

Ele lá tinha uma patroa e morava em casa dela. Ele contava-me que, a primeira vez que foi para Lisboa, a patroa era boa. Quando a casa onde trabalhava fechou, não tinha onde o ganhar e, ao fim, a patroa viu que ele que andava triste, esmorecido e disse-lhe:

- "Ó Guilherme, então o que é que tu tens? Andas tão esmorecido."

E ele disse:

- "O que é que eu tenho? Chega-se-me a renda da casa e não tenho dinheiro para modo de a pagar."

E ela disse-lhe:

- "Ó Guilherme, não andes triste, nem chores. Enquanto não ganhares dinheiro, eu não te levo renda da casa."

Foi boa a patroa.

Como a patroa era boa para ele, ao fim até ainda a trouxe a Soito da Ruiva. Ela dava-se bem com ele, mas naquele tempo quando ele foi daqui, não levava dinheiro e falhou-lhe o trabalho. Eu ao fim, dizia-lhe assim:

- Querias passeios para a roda dos cavalinhos, agora já não há roda nem cavalinhos.

Na casa onde ele morava, morava lá muito homem, mesmo daqui moravam muitos. Mas os outros tinham mais do que ele e não andavam tristes. Mas chegava a altura de pagar a renda da casa e não tinha dinheiro para pagar. Ela é que foi boa para ele. Porque ele daqui não o levava, não tinha pai, nem mãe, nem avô, nem avó. Ninguém o ajudava.

Casa “Ao cabo do povo”

A casa dos meus pais era assim uma casita de dois andares. Tinha uma cozinha assim também mal enjorcada. Agora está às sortes. A minha mãe morreu estragadinha da vista. A cozinha nem uma chaminé tinha, nem nada. Não havia dinheiro para a fazer, coitada.

Quando me casei não fui morar para casa dos meus pais. Estive numa casa lá adiante, ao cabo do povo. Passei lá muito frio. Estava toda mal arranjada e nem era do meu marido. Ao fim, mais tarde, é que o meu marido recebeu uma coisita de dinheiro e vim para a casa onde moro agora. Mas tive que a arranjar, pus uma janela e mandámos arranjar as portas, porque a gente tinha frio. Na altura, tivemos que pedir o dinheiro, porque não tínhamos.

Quotidiano *Vida difícil*

“Comia muita vez urtigas”

Foi uma vida difícil, a gente comia muita vez urtigas que nascem ao longo dos barrocos. Ferviam-nas e não se faziam amarelas, estavam sempre verdes. E para modo de as migar amassavam-nas em cima de uma mesa e embrulhavam-nas numa toalha, amassavam-nas e ao fim já lhe pegavam com as mãos para as migar. Mas eu era melindrosa, não conseguia comer, fazia troços, não engordava. Quem comia tudo a eito ainda ia indo, mas eu não era capaz de as comer. Estavam sempre verdes e lembrava-me de as apanhar nos barrocos. Passava mais mal.

As urtigas eram comidas na sopa, que já faziam para a família toda. Cada um comia a sua tigela daquela sopa. Nós éramos aí seis filhos. Ora, seis filhos com os pais éramos oito, então tinha de ser uma panela que cozinhavam para duas refeições. Era uma panela para um regimento de gente. Todos os dias também era preciso haver. Passávamos todos mal. A gente, ao fim, ia para modo de levar os queijos para vender e já não éramos capazes de subir, porque a gente não tinha sido alimentada o suficiente e também não podia com os carregos.

A minha mãe também cultivava umas batatinhas para a gente comer. Cozia-as e a gente já comíamos todos. Mas era muita família, mesmo assim. Eram precisas muitas batatas. O meu pai ia ganhar o dinheiro e ficava só a minha mãe a cultivar. Na altura, a gente ainda não podia ajudar. Éramos pequeninos.

Os queijos que fazíamos íamos vendê-los para Cebola, onde chamam agora a aldeia de São Jorge, para fazer um dinheirinho e depois poder comprar as sardinhas. Mas não éramos nós que as comíamos. Íamos vender os queijos muito longe. Andávamos com os cestos do queijo para modo de a gente trazer um dinheirinho. Para quê? O que era aquilo? Não era nada para tanta gente. Não chegava a nada. Passáramos muita miséria.

Naquele tempo como não havia dinheiro, não vinha cá ninguém a vender. Só se fosse alguma sardinhinha que cá aparecesse vinda de outras terras. As pessoas da-



Fotografia 3: Madalena Mendes com o irmão, Manuel Mendes. Soito da Ruiva.

qui, coitadas, bem que a comiam, mas não tinham dinheiro para comprá-la. Então, lá voltavam as sardinheiras, coitadas, sem vender as sardinhas. Era um tempo muito apertado.

A amanhar a terra

Enquanto o meu marido estava em Lisboa, eu fiquei em Soito da Ruiva com os filhos. Tinha aí um bocadito de terra que ia amanhar para dar alguma coisinha de comer aos filhos. Era assim que passava os meus dias. E eu, naquele tempo, via-me tão satisfeita. Gostei tanto daquela época. Bem, ele mandava-me algum dinheiro para eu comer com os filhos. E eu ao amanhar o bocadito até cantava, mesmo sozinha. Cantava lá, pelo meio do milho, havia gente que até ia escutar para me ouvir a cantar. Diziam que eu ainda sabia as cantigas antigas.

Há uma cantiga que cantava muito. Era assim:

"Ó lugar de Soito da Ruiva,
Quem te pôs o nome errou,
É o jardim das flores,
Já há muito que lá não vou."

Eu cantava estas cantigas lá. Tinha um pocito, enquanto ele tomava água, eu ia empalhar, para botar a água por cima da terra. Em ele vazando, tornava-o a tapar. E aí passava o meu tempo, enquanto o meu marido não estava cá.

“Não tinha onde o moer”

Tinha milho, não era muito, mas naquele tempo não tinha onde o moer. Cheguei a pontos que o meu marido vinha e dizia:

- Olha que a nós faz-nos falta não ter cá onde esmaque o milho. Então, tenho aí dois ou três alqueires de milho, mas não tenho onde o moer.

E ele dizia assim:

- "Deixa lá que nós ainda havemos de ver se arranjam os onde o moer."

Agora veio a luz e não tenho milho. Ainda cheguei a utilizar muito os moinhos da barroca. Cheguei a ter um

bocadinho de um moinho que a gente comprou. Pedíamos o dinheiro aos vizinhos por modo de o comprar e depois esmagar. Chegou-se a um ano, que tinha milho e não tinha onde o moer. Então, passava sem ele. Um ano, disse-lhe assim:

- Ai, tens que pedir dinheiro para ver se compramos onde vamos moer o milho, porque então assim ando mal. Tu vais-te embora, mas há lá muito pãozinho. Mas ele aqui não vem e passamos mal.

Ao fim, o meu marido ainda comprou algumas peças lá naqueles moinhos. Agora, não me vale de nada. Veio a cheia, abalou com os açudes.

Um moinho de azeite

Ainda tive tempo que fazia azeite. Vinham cá os lagareiros buscar os sacos de azeitona para ser moída num lagar que havia no Sobral. Agora até está parado. Ainda cheguei a botar um moinho de azeite.

Às vezes, arreliaava-me, porque o meu marido mandava-me o dinheiro para mandar apanhar a azeitona, mas ao fim fartáramos. A gente até vendêramos as oliveiras, as que tínhamos lá fora. Eu disse-lhe:

- Olha, já ando farta de lá ir. Agora, os filhos também já ganham para eles e nós já aparecemos com menos que eles. Também me farto de lá ir às terras dos demais comprar, apanhar as oliveiras.

Chegáramos a ter oliveiras num moinho de azeite e agora não temos lá nada. Vendêramos tudo.

“Ardeu tudo”

Também tínhamos castanhas e agora não temos aí nada. Castanheiros tínhamos, aí até tem nas terras dos demais e a gente íamos apanhá-las. Mas agora ardeu tudo, não há nada de castanheiros. Se aí há contam-se bem, e é porque não chegou fogo. Ardeu tudo.

“Chamavam o médico da Benfeita”

Não havia médico em Soito da Ruiva. Quando alguém estava doente chamavam o médico da Benfeita, que ainda era longe. Era quase metade do caminho, como daqui para Arganil. Até para mim ainda foi preciso.

“Que doença seria esta?”

O meu marido veio de Lisboa, mandei-o vir para tomar conta da vida e dos filhos que eu que não estava em condições. Veio logo, mas o meu mal era ruim. Em Pomes, falou-me e disse:

- "Então, se é preciso eu levo-te um médico de Avô já para cima."

O meu pai falou daqui e disse:

- "Não tragas que nós estamos à espera do médico da Benfeita."

E, ao fim, quando ele chegou, chegou também o médico da Benfeita. E disse ele:

- "Eu já queria trazer um médico, mas vocês disseram que estavam à espera do médico da Benfeita. E então eu não o trouxe."

Chegaram aquando um do outro. Quando chegou a casa, eu estava na cama, e o médico veio e disse assim:

- "Ai, como você está! Você nem um cântaro de água pode ir buscar à fonte. Tem que estar 15 dias de cama."

O meu marido só esteve ali ao pé dele, à porta, e ao fim ficou acelerado quando ouviu dizer que ia ficar 15 dias de cama. Chegou-se ao pé de mim e disse:

- "Então como é que arranjaste isto? Eu saí daqui, ficaste bem e agora o médico diz que não podes ir buscar uma cântara de água às fontes, aqui no largo?"

Logo que o médico saiu, eu disse:

- Ai, não posso estar na cama. Tenho que me ir embora. Não, que eu não posso estar presa.

E tirei-me fora das ordens do médico. Ele deixou-me então uma caixa de comprimidos. Tinha mais de 100 comprimidos só aquela caixa. Receitou-me 15 injeções, mas só trazia oito.

Veio-me cá ver daí a oito dias e trazer as outras injeções que faltavam. Chegou cá, julgava que ainda estava na cama, mas já andava aí pela rua e toda fresca. E ele disse que tinha que estar 15 dias de cama. Bem, o meu marido veio cá mas, ao fim, foi-se embora. Tinha o trabalho à espera dele. Estive assim na cama, mas levantei-me. Quando ouvi a chamarem o médico para um rapaz de cá, um cunhado meu disse-me:

- "Olha, muda só a roupa de dentro, que anda aí o médico. Vai ter com ele para tornar a escutar-te."

E, ao fim, ele tinha-me dito que tinha que estar 15 dias de cama. E havia oito dias que ele veio cá e eu toda fresca. Fui ter com ele ao largo. Ele vinha do largo do outeiro para cá, devia de ir consultar o rapaz, e eu disse:

- Bem, senhor doutor José, eu gostava que me tornasse a observar a ver como é que estou por dentro.

Diz ele assim:

- "Vou já."

Ele tinha uma besta grande. Naquele tempo não vinha cá o carro, vinha numa besta. Subi, sentei-me numa cadeira e ele só me abriu por modo de me escutar. Diz ele assim:

- "Mas então o que é que seria isto? Então, mandei-a estar 15 dias de cama e já como você está? Olhe lá, você tomou os medicamentos que lhe dei?"

- Olhe, senhor doutor José, a caixa dos comprimidos está na mesma conforme a deixou. O meu marido foi-se embora e não os tomei. Só apanhei as injeções. Oito injeções.

Bateu-me nas costas:

- "Mas então que doença seria esta? A menina gastou o seu dinheiro, pode tomar os remédios que não lhe fazem mal. Mas se fosse hoje não lhos receitava, que você não precisa deles."

Assim foi. Paguei-lhe, porque chamei-o cá, então tive que tornar a pagar-lhe, mas já não deixou medicamentos e acabou por não deixar os outros.

Hoje em dia vou, às vezes, para um quintal que fica

por detrás da casa. Vou para lá e sento-me. E assim passo os dias. Converso com as pessoas, tenho aqui os meus sobrinhos em baixo. Ponho-me a conversar com eles e assim passo o dia.

Enquanto os meus filhos eram vivos, não faltava à festa da Comissão em Agosto. O meu filho António, se ele fosse comer num lado eu tinha que ir. Ele dizia:

- "Ó mãe, eu pago para você estar ao pé de mim."

E ia para lhe fazer a vontade. Por isso é que eu o tenho ainda cá. Tenho-o aqui. Mas agora, fazem as festas à mesma. Fui à Comissão no outro dia para ver os melhoramentos. Fui com os meus filhos e disse:

- Então, é preciso é que eles passem. Eles não podem sem a gente aprovar. Demos autorização para os melhoramentos passarem naquilo que é nosso. Eles não podem aprovar, sem pisarem as terras de alguém. A estrada também cá passou, cortou-me muitas boas terras de pinhais e não me importei. A estrada tem que estar desentupida.

Costumes *Entre lendas e tradições*

Carolo

Nos moinhos também fazíamos o carolo. Para se fazer o carolo levanta-se o moinho. Mesmo nos moinhos à luz também podem fazer carolo. Levantavam-se os moinhos e moíam a farinha grossa. Se a gente quisesse a farinha mais macia, baixavam-na. Se queriam o carolo começava logo a espirrar os grãos de farinha grossa.

Naquele tempo não havia cá fogões, coitados, vivia-se só do poder da lenha. Mas punham lenha, uma panela ao lume e fervia. Enchiam uma tigela de carolo, botavam-na para dentro. Depois o carolo era peneirado, mas mesmo assim ainda vinha casca. No fim de o botarem para dentro da panela a casca ia toda à bóia, ao de cima. Iam com uma colher e tiravam a casca. E ficava só o carolo, o puro miolo é que estava dentro da panela. A casca vinha toda para cima, era toda catada, e ficava o carolo muito limpo.

Ao fim, botavam tempero ou banha. Até havia quem

botasse açúcar no carolo. Eu comi muito. Lá em casa do meu pai comia muito, porque o meu pai é que gostava daquilo. Até com banha de porco, aqui chamam margarina. Mas com açúcar também é bom, come-se bem.

“Eram bons os dias da matança”

Eram bons os dias da matança do porco. Os de cá vinham ajudar a matar o porco. Havia homens que sangravam o porco. Hoje já cá não há. Na altura, matavam o porco, apartavam a carne de sangue e a carne branca e ia para gamelas. E depois era botado o sal, alho e colorau nas gamelas e ficava assim de um dia para o outro.

No dia seguinte, iam então encher o enchido. O enchido que era de carne era apartado numa gamela e o que era de sangue era apartado noutra. A gente diz que eram as chouricitas que eram apartadas. Ao fim, era comer e gritar por mais. Era bom.

Já tenho comprado aqui, mas não se compara nada com o que cá faziam. Ainda matei algumas vezes também e fazia-o. Mas quando a gente podia fazer, aquilo era uma farturinha e tão gostoso. Agora até cá o trazem e já tenho comprado, mas não tem o paladar de antes.

Os enchidos eram feitos com umas enchedeiras que tinham um biquito e punham dentro do enchido. A gente até comprava, às vezes, às meadas, por modo de ir fazer mais e, ao fim, aquilo era posto em cima do lume. Eu tinha uma cozinha que em três dias punha os enchidos amarelinhos, parecia que eram de ouro. Tinha os fermentos e tudo lá dentro.

Ainda não era nesta cozinha que eu arranjava os enchidos. Era numa cozinha que agora mandei arranjar, mas que estava para ir abaixo. Então disse:

- Eu tenho que fugir, que não sou capaz de o segurar. Isto quando vai a baixo não avisa.

A gente pode estar debaixo e o telhado vir abaixo. Se o meu ganhador não me falhasse, ficava de outra maneira, mas agora não tenho posses. Tenho que remediar só, mas era ali que ia secar o enchido. A gente ainda gastava, mas ficava ali uma farturinha. Eu ainda tenho pena

de não poder fazer. O meu marido ajudava-me que ele também para o comer, também comia. Tive tempo em que a minha loja tinha lá mais comer, do que nas lojas que estavam a vender.

“Sem ir a mestra o cortiço também não valia nada”

Eu cheguei a ter cortiços de abelhas, mas hoje já não tenho nada disso. Ainda cheguei a fazer os enxames. Eu tinha tanta vontade daquilo que ainda cheguei a fazer. Quando a gente quer tirar um cortiço, emboca um cortiço com o outro. Depois é preciso assobiar por modo de elas correrem umas atrás das outras. São engraçadas quando começam a correr de um para outro cortiço. Os donos ficam a assobiar dos lados e a batucar dos dois lados do cortiço e elas iam aos montes para dentro do novo cortiço.

Era preciso conhecer a mestra, que sem ir a mestra o cortiço não valia nada. Podiam ir muitas abelhas, mas se não fosse a mestra já não valia. Morria tudo. Ela conheceu-se, porque está no meio delas, das filhas. Quando a víamos passar, dizíamos:

- "Olha, já passou a mestra."

Há cá pessoas que não foram capazes de saber como se fazia a criação de abelhas. Mas com os antigos, com os velhos, eu tinha vontade de aprender e ia para o pé deles. Gostava daquilo. Às vezes, até perdia tempo. Perdia tempo por modo de estar a ver os cortiços dos vizinhos. Até que cheguei a dizer ao meu marido, quando foi para Lisboa, que comprasse uns cortiços. E ele disse que sim, que os comprava:

- "Eu compro-tos para modo de batucares. Sabes batucar, eu compro-tos."

Comprou-mos, mas ao fim morreram. Hoje já não tenho.

A gente batucava no cortiço que ia tirar o enxame. Tinha um cortiço a embocar noutro. E a gente estava a batucar dos lados para as abelhas descerem para a boca do cortiço, em baixo. Era engraçado.

A gente fazia a casa das abelhas num sítio quente.

Punha uma laje por baixo e embocava lá o cortiço, só punha umas pedritas em volta para as abelhas entrarem por baixo, poderem vir cá fora e voltarem a entrar. Por cima eram precisas duas lajes e embocar a laje no fundo e pôr aquilo para elas entrarem. E a laje por cima era a telha do cortiço. A laje pertence ao cortiço, em estando lá as abelhas dizem que não podem tirar sem ordem do dono, porque a laje é a telha da casa da abelha.

No fim, era aberto o cortiço, arrancavam-no para cima, que era posto com vidros. Arrancavam-no e tiravam a laje e, por dentro, já tinham então um caldeiro para tirarem os favos. Podiam tirar até metade do cortiço. O cortiço podia estar cheio, mas só podiam tirar o mel até ao meio para as abelhas se alimentarem. Ainda fiz isso algumas vezes. Hoje já não faço porque também já não posso, nem tenho. Deixei-as morrer. Mas naquele tempo eu julgava que não me ia faltar a força, mas faltou-me.

“Fiz queijo como os meus pais”

Também ainda fiz queijo, tal como os meus pais, mas aí ao fim acabei. Ia buscar o leite às cabras e depois juntava numa panela. Depois tinha uma tirinha pequenina para desfazer, a gente comprava o coalho ou cardo. Era feito dentro de uma tigelinha miúda com um decilitro de água. Ao fim, o leite quando vinha do gado era coado, com um pano na boca da panela. Botava-lhe aquele fermento e coalhava. Ainda demorava aí uma hora a coalhar.

Em estando coalhado, começava-se a fazer. Arranjava-se um prato em condições, comprava-se um achincho, que havia achinchos de lata nas feiras. Enchia-se então o achincho e arranjava-se uma queijeira para se curar numa palheira. Até numa palheira se curava. Ao fim, saíam de lá os queijos já amarelinhos, que até metiam cobiça. Tive muita pena, muito desgosto, quando deixei de fazer.

Assim que me faltou o meu marido acabei com as cabras. Nunca mais tive cabras, nem mais vontade. Eu disse assim:

- Faltou-me a coisa melhor que tinha, já não me importa. Perdi o gosto de fazer as coisas.

Estrutagado ou torcido

Para curar o estrutagado há cá quem saiba. Isso é quando a gente pode até pôr um pé em falso. Eu também soube dizer. Agora é que estou esquecida. A gente dizia:

- "Se este pé é estrutagado ou torcido ou rendido ou ofendido, Nosso Senhor o ponha em seu lugar conforme Jesus Cristo e seus discípulos foram cear. Em louvor de São João e de São Jordão, que dê com este pé no chão."

Assim é que é o estrutagado. É assim que se faz. E aí diz-se um Credo. Mas credo num só Deus e no resto. Pode ser ou três vezes ou cinco. Podem dizer isto em palavras. Também há quem faça com um púcaro e a coser. Mas essa reza não sei. O outro já tenho feito até para mim.

“Um condão que tinham”

Também ouvia falar de um lobisomem que vinha cá de noite. Mas agora já não aparece. Naquele tempo queriam dizer que uma mulher que tivesse sete rapazes, que o último era capaz de sair assim. Mas agora já é muito "ralo" aparecer aí. Não os deixam vir. Às vezes, até em tendo um ou dois já fogem com eles e não aparece tanto.

Deus Nosso Senhor nos guarde, representa-se, se calhar, nalgum bicho. Deve ser. Pelo menos, é o que tenho ouvido falar, porque nunca o vi. Mas tenho ouvido dizer que noutra tempo se falava muito nessa coisa, chamavam os lobisomens. Não era por eles quererem, era um condão que tinham e, então, diziam que era só às duas horas da noite.

João Brandão

Também tenho ouvido falar do João Brandão, até havia cantigas. Eles diziam assim:

"A primeira morte que eu fiz,
Foi dos 10 para os 11 anos,
Eu matei um inocente,
Com uma arma de dois canos."

Matava gente, esse João Brandão, mas não foi no meu tempo. Isto ouvia contar aos pastores. Ele matava o que encontrasse. Não era daqui. Era de muito longe, mas tinha má fama de que matava gente e que teve sete amigas.

Lugar “*Carregos às costas*”

Lembro-me de construírem a escola em Soito da Ruiva. Não vinham cá carros e a gente andava a carregar o material para construírem a escola. Agora já cá vêm carros, mas naquele tempo não. Foi tudo construído com carregos às costas. Foi feita com os carregos que a gente acartava da serra para baixo.

Naquele tempo havia cá uma mercearia, hoje não. Hoje não há quem queira estar preso. Porque quem tem uma mercearia tem que estar preso. Eu nunca tive, mas sei, que também já fui a Lisboa. Vi que quem tem um comércio também é uma prisão. Se fecham, não vende.

A gente enquanto a companhia é viva é uma vida, em ela faltando... Sei o que passei, porque gostava tanto dele. Custou-me muito. Aliás, custa sempre muito a quem dá bem com a companhia. É um golpe que custa muito. Mas acaba tudo assim. É muito "ralo" irem aquando um do outro. Alguém tem que ir primeiro.

Avaliação

Acho que esta ideia das meninas andarem nas casas das pessoas a perguntar como as coisas eram antigamente é bom. Eu acho que isto é para o bem da gente de cá.